

ITINERÁRIO DA EVASÃO NA POESIA DE VINÍCIUS DE MORAES

ITINERARY OF EVASION IN THE POETRY OF VINICIUS DE MORAES

ITINERARIO DE LA EVASIÓN EN LA POESÍA DE VINICIUS DE MORAES

 <https://doi.org/10.56238/arev8n2-112>

Data de submissão: 25/01/2026

Data de publicação: 25/02/2026

Lais Peres Rodrigues

Doutorado em Estudos Literários

Instituição: Universidade Federal Fluminense

E-mail: laisperesrodrigues@gmail.com

RESUMO

Este artigo propõe uma leitura crítica da poesia de Vinicius de Moraes a partir do tema da evasão, entendida como impulso de fuga, transcendência ou deslocamento diante das tensões da existência. Ao percorrer oito livros do autor, o estudo identifica como esse movimento aparece de formas distintas, ora associado à religiosidade e ao desejo de redenção, ora ligado à morte, ao devaneio ou à busca de um outro espaço possível para o sujeito lírico. A análise concentra-se especialmente nos poemas “Judeu errante”, “A partida” e “Balada das duas mocinhas de Botafogo”, nos quais a evasão se manifesta como errância eterna, como encenação da própria morte e como saída trágica para o sofrimento social. O ensaio estabelece diálogos com Manuel Bandeira e Álvares de Azevedo, evidenciando aproximações e diferenças na forma como cada poeta constrói a fuga da realidade. Em Bandeira, a evasão se projeta num espaço imaginário libertador; em Azevedo, a morte surge como promessa de outra vida; em Vinicius, a evasão oscila entre transcendência, lucidez e ironia, revelando uma poética marcada por ambivalências. Ao longo do percurso, demonstra-se que a evasão não é apenas tema recorrente, mas verdadeiro eixo estruturante da experiência lírica viniciano. Assim, o estudo contribui para ampliar a compreensão da obra de Vinicius de Moraes e para situá-la em diálogo vivo com tradições literárias brasileiras que fizeram da fuga um gesto estético e existencial.

Palavras-chave: Vinicius de Moraes. Poesia. Literatura Brasileira. Evasão.

ABSTRACT

This article offers a critical reading of Vinicius de Moraes' poetry through the lens of evasion, understood as an impulse toward escape, transcendence, or existential displacement. By examining eight of his published books, the study identifies how this movement unfolds in different ways throughout his work, sometimes associated with religious longing and the desire for redemption, at other times connected to death, reverie, or the search for an alternative space in which the lyrical subject might exist more fully. The analysis focuses particularly on the poems “Judeu errante,” “A partida,” and “Balada das duas mocinhas de Botafogo,” where evasion appears respectively as eternal wandering, as a poetic staging of one's own death, and as a tragic solution to social suffering. The essay establishes meaningful dialogues with Manuel Bandeira and Álvares de Azevedo, highlighting both affinities and contrasts in their approaches to escaping reality. In Bandeira, evasion takes the form of an imagined, liberating space; in Azevedo, death is reimagined as the promise of another life; in Vinicius, however, evasion oscillates between transcendence, lucidity, irony, and resignation. Ultimately, the article argues that evasion is not merely a recurring theme in Vinicius de Moraes' poetry, but a structuring principle of his lyrical imagination, situating his work within a broader

Brazilian literary tradition that transforms escape into both an aesthetic strategy and an existential gesture.

Keywords: Vinicius de Moraes. Brazilian Poetry. Evasion. Death and Transcendence.

RESUMEN

Este artículo propone una lectura crítica de la poesía de Vinicius de Moraes a partir del tema de la evasión, entendida como impulso de fuga, transcendencia o desplazamiento existencial frente a las tensiones de la realidad. A través del análisis de ocho libros del autor, el estudio muestra cómo este movimiento se manifiesta de formas diversas a lo largo de su trayectoria poética, ya sea vinculado a la religiosidad y al deseo de redención, ya sea relacionado con la muerte, el ensueño o la búsqueda de un espacio alternativo para el sujeto lírico. El análisis se concentra especialmente en los poemas “Judeu errante”, “A partida” y “Balada das duas mocinhas de Botafogo”, en los que la evasión aparece como errancia eterna, como escenificación de la propia muerte y como salida trágica ante el sufrimiento social. El ensayo establece un diálogo con Manuel Bandeira y Álvares de Azevedo, señalando afinidades y diferencias en la manera en que cada poeta construye la fuga de la realidad. En Bandeira, la evasión se proyecta hacia un espacio imaginario liberador; en Azevedo, la muerte se resignifica como promesa de otra vida; en Vinicius, en cambio, la evasión oscila entre transcendencia, lucidez e ironía. De este modo, se sostiene que la evasión no es solo un motivo recurrente, sino un principio estructurador de la experiencia lírica viniciano, que lo inscribe en una tradición literaria brasileña donde la fuga se convierte en gesto estético y existencial.

Palabras clave: Vinicius de Moraes. Poesía Brasileña. Evasión. Muerte y Transcendencia.

1 INTRODUÇÃO

A poesia brasileira do século XX é marcada por intensos movimentos de tensão entre permanência e ruptura, tradição e modernidade, engajamento e introspecção. Nesse cenário, a obra de Vinicius de Moraes ocupa um lugar singular, pois articula religiosidade, lirismo amoroso, reflexão existencial e consciência histórica. Entre os diversos eixos temáticos que atravessam sua produção, destaca-se o motivo da evasão, entendido como gesto de afastamento da realidade concreta, seja por meio da transcendência religiosa, do sonho, da errância ou da morte. Tal temática, recorrente também em outros momentos da literatura brasileira — como no Ultrarromantismo e no Modernismo — revela-se fundamental para compreender não apenas a poética viniciano, mas também seus diálogos intertextuais.

A questão que orienta este estudo é: de que maneira o tema da evasão estrutura a poesia de Vinicius de Moraes e em que medida esse procedimento o aproxima ou o distancia de poetas como Manuel Bandeira e Álvares de Azevedo? Investigar essa problemática justifica-se pela necessidade de ampliar as leituras críticas sobre Vinicius para além de sua consagrada lírica amorosa, evidenciando dimensões existenciais e filosóficas ainda pouco exploradas de forma sistemática. Além disso, ao analisar a evasão como categoria interpretativa, torna-se possível estabelecer conexões históricas e estéticas entre diferentes períodos da literatura brasileira.

Dessa forma, este trabalho tem como objetivos: identificar e analisar manifestações do tema da evasão em poemas selecionados de diferentes fases da produção de Vinicius de Moraes; examinar, de modo comparativo, aproximações e diferenças entre sua poética e a de Manuel Bandeira e Álvares de Azevedo no tratamento da fuga da realidade; demonstrar como a evasão opera como princípio estruturador da experiência lírica viniciano; e contribuir para uma compreensão crítica mais ampla da inserção de Vinicius na tradição literária brasileira.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A reflexão sobre o tema da evasão na poesia de Vinicius de Moraes exige, inicialmente, a delimitação conceitual do próprio termo. No âmbito dos estudos literários brasileiros, a evasão costuma ser associada a movimentos de fuga da realidade concreta, seja pela via do sonho, da transcendência religiosa, da imaginação utópica ou da morte. Alfredo Bosi, em *História Concisa da Literatura Brasileira*, ao analisar o Romantismo e o Modernismo, observa que o lirismo brasileiro frequentemente se organiza a partir de tensões entre sujeito e mundo, produzindo respostas que variam do engajamento à evasão. Nesse sentido, a evasão não deve ser entendida como simples escapismo ingênuo, mas como procedimento estético que revela conflitos históricos, existenciais e

sociais internalizados pelo sujeito poético.

No Romantismo da segunda geração, especialmente em Álvares de Azevedo, a evasão assume feições regressivas e noturnas. A morte, o sonho, o passado idealizado e a solidão configuram espaços alternativos à realidade percebida como hostil. A crítica de Maria José da Trindade Negrão destaca que o Ultrarromantismo transforma o desejo de fuga em gesto radical de subjetivação, em que o eu se isola diante da impossibilidade de integração social. Essa perspectiva contribui para compreender como a evasão pode funcionar como estratégia de resistência simbólica, ainda que marcada por um viés melancólico.

Já no Modernismo, Manuel Bandeira ressignifica a evasão ao deslocá-la para o campo do imaginário criativo. Em *Itinerário de Pasárgada*, o poeta reconhece que a fuga não implica negação da realidade, mas reelaboração estética do sofrimento. A evasão, nesse caso, configura-se como invenção de um espaço poético alternativo que permite ao sujeito reorganizar sua experiência. A crítica literária tem destacado que Bandeira transforma a frustração biográfica em energia criadora, convertendo o desejo de partida em metáfora de liberdade interior.

No caso de Vinicius de Moraes, a bibliografia crítica — como a de Eucanaã Ferraz — evidencia a complexidade de sua trajetória, que atravessa fases marcadas pela religiosidade, pela reflexão metafísica, pelo engajamento político e pela lírica amorosa. Em seus primeiros livros, observa-se forte presença do sentimento de culpa e do anseio de transcendência, o que aproxima sua poesia de uma tradição espiritualizante. Posteriormente, a morte, a errância e o humor passam a compor um quadro mais ambivalente, no qual a evasão oscila entre lucidez, ironia e resignação.

Teoricamente, a evasão pode ser compreendida como categoria ligada à construção do sujeito lírico. A tradição crítica, ao tratar do lirismo moderno, aponta que o eu poético se constitui na tensão entre interioridade e mundo exterior. Assim, a fuga não é apenas deslocamento espacial, mas movimento discursivo que reconfigura a experiência do sujeito. No contexto brasileiro, essa operação adquire especificidade histórica, pois dialoga com processos de modernização, frustrações sociais e crises de identidade.

Dessa forma, o presente estudo se ancora em três eixos teóricos principais: a tradição crítica sobre o romantismo e o modernismo brasileiros, especialmente no que se refere à tensão entre sujeito e realidade; as leituras críticas sobre Manuel Bandeira e Álvares de Azevedo, que ajudam a situar a evasão como procedimento recorrente na literatura nacional; e os estudos dedicados à obra de Vinicius de Moraes, que permitem compreender a evasão como elemento estruturante de sua poética. Ao articular esses referenciais, busca-se fundamentar a análise da evasão não como simples temática, mas como princípio estético que organiza a experiência lírica viniciana e a insere em uma tradição

literária mais ampla.

3 METODOLOGIA

Este trabalho adota uma abordagem qualitativa, de natureza interpretativa e comparativa, fundamentada na análise textual de obras literárias e na revisão crítica da bibliografia pertinente. A pesquisa insere-se no campo dos estudos literários, com ênfase na análise temática e na crítica comparatista, buscando compreender como o motivo da evasão se estrutura na poesia de Vinicius de Moraes e como dialoga com tradições anteriores da literatura brasileira.

O corpus principal é composto por poemas selecionados de oito livros de Vinicius de Moraes: “O caminho para a distância”; “Forma e exegese”; “Ariana, a mulher”; “Novos poemas”; “Cinco elegias”; “Poemas, sonetos e baladas”; “Pátria minha”; e “Novos poemas (II)”. A partir de uma leitura integral dessas obras, foram identificados poemas em que a temática da evasão se manifesta de modo mais explícito ou estruturante. Para fins de análise aprofundada, selecionaram-se três textos representativos: “Judeu errante”, “A partida” e “Balada das duas mocinhas de Botafogo”. O critério de escolha baseou-se na recorrência de imagens de fuga, errância, transcendência ou morte como solução existencial.

A metodologia de análise textual considerou aspectos formais (estrutura estrófica, métrica, sonoridade, recursos de pontuação), semânticos (campos lexicais, imagens recorrentes, construção simbólica) e discursivos (posição do sujeito lírico, relação com a realidade representada). Esses elementos foram examinados de modo articulado, buscando evidenciar como a evasão opera não apenas como tema, mas como princípio organizador da experiência poética.

Paralelamente, realizou-se uma análise comparativa com poemas de Manuel Bandeira e Álvares de Azevedo, selecionados por apresentarem tratamento significativo da fuga da realidade. O procedimento comparativo teve como objetivo identificar aproximações, diferenças e possíveis influências, situando a poética vinicianiana em diálogo com a tradição literária brasileira.

Por fim, a revisão bibliográfica incluiu obras críticas sobre romantismo, modernismo e sobre a produção de Vinicius de Moraes, a fim de sustentar teoricamente as interpretações propostas. A articulação entre leitura analítica dos poemas e fundamentação teórica permitiu construir uma interpretação consistente da evasão como categoria estética e existencial na obra estudada.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Saudade de Manuel Bandeira

Não foste apenas um segredo
De poesia e de emoção
Foste uma estrela em meu degredo
Poeta, pai! áspero irmão.
Não me abraçaste só no peito
Puseste a mão na minha mão
Eu, pequenino - tu, eleito
Poeta! pai, áspero irmão.
Lúcido, alto e ascético amigo
De triste e claro coração
Que sonhas tanto a sós contigo
Poeta, pai, áspero irmão?

MORAES, Vinicius de. *Poemas, sonetos e baladas e Pátria minha*.

São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 99

Este estudo foi realizado a partir da análise dos poemas de oito livros publicados por Vinicius de Moraes, são eles: *O caminho para a distância*; *Forma e exegese*; *Ariana, a mulher*; *Novos poemas*; *Cinco elegias*; *Poemas, sonetos e baladas*; *Pátria minha* e *Novos poemas (II)*. Através de uma leitura atenta, verificamos que alguns poemas de Vinicius enveredam-se pelo tema da evasão, tão comum em outros poetas brasileiros, como os da 2ª geração romântica e no modernista Manuel Bandeira. Este ensaio selecionou três poemas vinicianos em que a tentativa de fuga da realidade ocorre de forma mais delineada, são eles: “Judeu errante”, “A partida” e “Balada das duas mocinhas de Botafogo”.

Em *O caminho para a distância*, primeiro livro de Vinicius de Moraes, é possível avaliar um número grande de poemas que possuem uma exacerbada religiosidade, comparada aos poemas que vieram em livros posteriores. Essa constante tematização religiosa se torna uma convocação à transcendência e um pedido pela redenção do sujeito poético. São inúmeros os exemplos nessa obra de versos que tratam da expiação religiosa e da culpa, por isso o tema da evasão de torna tão importante neste livro, o sujeito não tolera viver sob a angústia do pecado que parece ser inevitável ao ser humano. O próprio título do volume evoca por si só este sentido. Distanciar-se é desejar fugir da realidade que cerca o eu lírico. Dessa forma, a única saída é se entregar à transcendência, a partir de um caminho que leve até a distância do mundo material e real.

Optamos por analisar mais atentamente o soneto “Judeu errante”¹, pois nele acreditamos encontrar explícita a vontade transcendente de evasão eterna, além disso, a personagem secular do homem que é condenado a vagar eternamente também aparece em diversas outras obras de escritores brasileiros.

¹ *O caminho para a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.67.

Judeu errante

Hei de seguir eternamente a estrada
Que há tanto tempo venho já seguindo
Sem me importar com a noite que vem vindo
Como uma pavorosa alma penada.

Sem fé na redenção, sem crença em nada
Fugitivo que a dor vem perseguindo
Busco eu também a paz onde, sorrindo
Será também minha alma uma alvorada.

Onde é ela? Talvez nem mesmo exista...
Ninguém sabe onde fica... Certo, dista
Muitas e muitas léguas de caminho...

Não importa. O que importa é ir em fora
Pela ilusão de procurar a aurora
Sofrendo a dor de caminhar sozinho.

Esse soneto de Vinicius é inspirado na lenda do judeu errante, uma história que atravessa literaturas do mundo inteiro e tem espaço garantido nas culturais tradicionais e populares. Segundo a história, Cristo, no dia de sua crucificação, teria parado para descansar em frente à porta do sapateiro Ahsverus, que de forma ríspida, gritou: “Caminha!”. Naquele momento, Jesus teria dito ao sapateiro que a sua caminhada estava chegando ao fim, mas que a do sapateiro seria infinita. Segundo a lenda, o judeu caminha errante até hoje, esperando a segunda vinda de Cristo para finalmente se livrar de seu castigo.

Em qualquer versão, destaca-se o peso da punição de sofrer por toda a eternidade. Porém, Ahsverus (um dos nomes dados ao judeu errante) não é apenas um sapateiro que afastou Jesus de sua porta e foi amaldiçoado. Ele é também um homem que vive sempre com esperança de modificar a situação em que se encontra, porém no poema de Vinicius, o eu lírico não possui fé em sua redenção, ele continua caminhando à procura da aurora, fica claro para ele que essa procura é uma ilusão, mas mesmo assim, ele “busca a paz sorrindo”.

Apesar de dizer que o judeu sorri, há claramente agonia nesta personagem que vive uma situação de repetição eterna. O incômodo do judeu errante se traduz no poema através da intensa repetição de sons nasais, como em: “eternamente”, “tanto”, “tempo”, “venho”, “seguindo”. Esse recurso está presente em todos os versos e cria a sensação de que algo está preso a garganta, é um nó que envolve o eu lírico e alcança o leitor. Esse processo também cria a imagem de um círculo repetitivo fechado, ou seja, o excesso de nasais cria um ambiente claustrofóbico no texto. Reforçado, é claro, pela escolha da forma clássica fixa do soneto.

A terceira estrofe se destaca do restante do poema pelas reticências e a imagem que elas criam. Esse recurso de pontuação retira o texto do ambiente fechado que até então estava inserido,

conduzindo o eu lírico à reflexão criativa. Porém, a quarta e última estrofe retoma o aspecto selado das estrofes primeiras. Encerrando o poema com o mesmo circuito claustrofóbico que o iniciou.

Além do poema tematizar a tentativa de fuga do eu lírico de sua realidade, assim como fizeram vários poetas, ele também nos remete à um conhecido poema de Castro Alves, intitulado “Ahsverus e o gênio”.

Castro Alves em “Ahsverus e o gênio” reforça o caráter solitário do protagonista de seu poema, que “desde a inglesa à crioula das Antilhas não teve um coração!...”, assim como Vinicius destaca a solidão de seu judeu errante também. A diferença é que Castro Alves mostra em seu poema uma admiração da população em geral pelo judeu, já que ele é imortal, por isso ele é visto como poderoso. Apesar disso, essa admiração é quebrada pela própria personagem, na seguinte estrofe: “Ele não morre’, a multidão dizia... / E o precito consigo respondia: / - 'Ai! Mas nunca vivi!' - ”. Nesse sentido, aproximam-se os poemas a partir da fuga eterna andarilha a que é submetido o judeu errante e da solidão proporcionada por ela, ocasionando, assim, o distanciamento do restante da sociedade. O judeu se distancia para alcançar sua redenção, a fuga é necessária para alcançar a salvação.

Assim como o eu lírico criado por Vinicius em “Judeu errante”, grande parte dos sujeitos poéticos de Manuel Bandeira carregam uma carga grande de frustração que os afeta das mais diversas formas e dá origem ao tema da evasão. Essa característica se constitui a partir da grande influência que o romantismo exerceu nos poetas modernistas. Um dos poemas mais famosos de Bandeira trata justamente da fuga da realidade, “Vou-me embora para Pasárgada”² apresenta um sujeito que se refugia no mundo imaginário criado por ele mesmo e de acordo como ele gostaria que fosse sua realidade.

Bandeira em *Itinerário de Pasárgada* comenta sobre sua escolha de direcionar a evasão do eu lírico para um mundo surreal:

Na minha experiência pessoal fui verificando que o meu esforço consciente só resultava em insatisfação, ao passo que o que me saía do subconsciente, numa espécie de transe ou alucinação, tinha ao menos a virtude de me deixar aliviado de minhas angústias. Longe de me sentir humilhado, rejubilava como se de repente me tivessem posto em estado de graça.³

Vinicius foi muito influenciado pela poesia de Bandeira, pode-se dizer que o poema “A partida”⁴ possui inúmeras referências adquiridas a partir de sua leitura da obra bandeiriana. Como visto a seguir:

² *Testamento de Pasárgada: antologia poética*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980, p.28.

³ *Poesia e prosa*, São Paulo: Ed. Aguilar, vol.II, p.22

⁴ *Poemas, sonetos e baladas e Pátria minha*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.14.

A Partida

Quero ir-me embora pra estrela
Que vi luzindo no céu
Na várzea do setestrela.
Sairei de casa à tarde
Na hora crepuscular
Em minha rua deserta
Nem uma janela aberta
Ninguém para me espiar
De vivo verei apenas
Duas mulheres serenas
Me acenando devagar.
Será meu corpo sozinho
Que há de me acompanhar
Que a alma estará vagando
Entre os amigos, num bar.
Ninguém ficará chorando
Que mãe já não terei mais
E a mulher que outrora tinha
Mais que ser minha mulher
É mãe de uma filha minha.
Irei embora sozinho
Sem angústia nem pesar
Antes contente da vida
Que não pedi, tão sofrida
Mas não perdi por ganhar.
Verei a cidade morta
Ir ficando para trás
E em frente se abrirem campos
Em flores e pirilampos
Como a miragem de tantos
Que tremeluzem no alto.
Num ponto qualquer da treva
Um vento me envolverá
Sentirei a voz molhada
Da noite que vem do mar
Chegar-me-ão falas tristes
Como a querer me entristar
Mas não serei mais lembrança
Nada me surpreenderá:
Passarei lícido e frio
Compreensivo e singular
Como um cadáver num rio
E quando, de algum lugar
Chegar-me o apelo vazio
De uma mulher a chorar
Só então me voltarei
Mas nem adeus lhe darei
No oco raio estelar
Libertado subirei.

O primeiro elemento a nos chamar atenção em “A partida” é o verso inicial: “Quero ir-me embora pra estrela” já denuncia de antemão a referência ao poema “Vou-me embora para Pasárgada”, de Manuel Bandeira. Porém, diferente do verso de Bandeira, a presença do infinitivo em “A partida” denota a impessoalização do ato de partir, o sujeito foi embora ou foi levado? Em Pasárgada fica claro

que a ação de ir embora partirá do eu lírico, não há possibilidade de outra pessoa tomar esta atitude por ele.

“A partida” possui apenas uma estrofe, formada por versos de sete sílabas, que enquadram o poema em uma reflexão do eu lírico. De forma que, nos primeiros versos segue-se um plano do sujeito que arquiteta sua hora e local de saída. Pode-se dizer que o primeiro ponto final temos a afirmação de seu desejo. Até o segundo ponto final, o eu lírico desenvolve a cena de sua partida. Até o terceiro ponto final há uma evocação da vida boêmia dele. O quarto ponto final revela o papel da mulher como princípio, meio e fim de tudo. Uma mulher independente que conseguirá viver sob a ausência dele sem chorar. O quinto ponto final encerra a constatação de que o eu lírico vai embora sem ter um real motivo, ele não está angustiado, nem sente pesar, porém revela que também não o é contente. Até o sexto ponto final o sujeito idealiza seu local de escape, esse é o penúltimo ponto, sucedido por um período extremamente longo em que o eu lírico se concentra em descrever uma cena que ocorreria depois de sua partida. Os últimos versos que precedem o ponto final são dotados de uma incrível plástica lírica capaz de criar imagens claras da narrativa que se insere no desfecho do poema.

“A partida” narra a própria morte do eu lírico e mostra a mulher como figura central de sua vida, como escreveu José Miguel Wisnik em “A balada do filho pródigo”⁵:

Em “A partida” a visão da própria morte em tempo real, pelo eu, é marcada pela tripla aparição misteriosa da mulher, como a inomeável que está no começo, no meio e no fim de tudo. - a imagem última antes da subida pelo “oco raio estrelar” céu acima.

A fuga realizada pelo eu lírico, nesse caso, não apresenta exatamente um motivo claro, o sujeito vai embora, mas não porque algo o perturba, não há explicação para sua partida. Diferente de “Vou-me embora para Pasárgada”, em que o eu lírico está certo de que tudo em Pasárgada será melhor, em “A Partida”, não há garantias de que isso acontecerá. Além disso, o sujeito de Pasárgada se declara infeliz com a vida que leva, diferente da personagem de “A Partida”. Isso acontece porque a intenção do poema de Vinicius é delinear a cena da partida para a morte enquanto Bandeira retrata a evasão para uma vida nova e surreal. Porém, mesmo que Vinicius trate de um tema real e presente no dia a dia de todos os seres humanos, seu retrato da partida cria claras imagens surreais que comungam com o projeto poético de Bandeira.

O tema da morte está muito presente na poética de Vinicius, aparece delineado em cenas de diversos poemas, em “Balada das duas mocinhas de Botafogo”⁶ notamos que morrer se torna mais

⁵ “Balada do filho pródigo”. In MORAES, Vinicius de. *Poemas, sonetos e baladas e Pátria Minha*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 148.

⁶ *Novos poemas (II)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, pp. 33-38.

que uma partida, é uma salvação para os infortúnios da vida.

Pode-se dizer que é possível encontrar nesse poema viniciano traços semelhantes aos dos nossos românticos brasileiros da 2ª Geração. Álvares de Azevedo, Junqueira Freire e Fagundes Varela, assim como os suas inspirações europeias, exibem a evasão do mundo como solução para os males da sociedade, levando-os a posições regressivas. O eu romântico, objetivamente incapaz de resolver os conflitos com a sociedade, lança-se à evasão. No plano da relação com o mundo a evasão se volta para o retorno à mãe-natureza, refúgio no passado, reinvenção do bom selvagem, exotismo e no das relações com o próprio eu, se dá através do abandono à solidão, ao sonho, ao devaneio e a morte.

Álvares de Azevedo, em “Anjinho”⁷ declara o elogio à morte como benção em detrimento da vida:

Pobrezinho! o que sofreu
Como um convulso tremeu
Na febre dessa agonia!
Nem gemia o anjo lindo,
Só os olhos expandindo
Olhar alguém parecia!

Era um canto de esperança
Que embalava essa criança?
Alguma estrela perdida,
Do céu c'roada donzela,
Toda a chorar-se por ela
Que a chamava doutra vida?

Não chorem, que não morreu!
Que era um anjinho do céu
Que um outro anjinho chamou!
Era uma luz peregrina,
Era uma estrela divina
Que ao firmamento voou!

Para o eu lírico de Azevedo, a morte é mais que um alívio é a esperança de viver uma outra vida. A proposta de ressignificação do falecimento nesse caso aparece até na tentativa de alterar o significado semântico de morte: “não chorem, que não morreu”, nesse caso não houve morte, não há morte, há uma passagem para um mundo muito melhor e sem sofrimento.

Em “Balada das duas mocinhas de Botafogo”, Vinicius também ressignifica a morte, o suicídio das duas protagonistas vem como redenção, é uma partida para uma situação melhor. Indo além, a própria temática do óbito se repete em diversos outros poemas do livro a que pertence essa

⁷ *Álvares de Azevedo: poesia*. Rio de Janeiro: Agir, 1977, p.22.

balada, *Novos poemas (II)*. Tanto que Ivan Marques, em “Um claro na treva”⁸, afirma que a morte para Vinicius não era apenas um tema, mas uma espécie de musa.

As mocinhas de Botafogo estão presentes em uma balada mórbida porém, nem por isso, ausente de humor. O humor na poesia viniciano é muito recorrente e atravessa boa parte de seus livros, como nos versos dessa balada:

Em troca de uma saída
Dão tudo o que tem aos homens:
A mão, o sexo, o ouvido
E até mesmo, quando instadas
Outras flores do organismo.

Toda essa balada se compõe sonoramente como uma modinha popular e se organiza como se fosse uma história contada através de várias gerações, as irmãs que se vem sem futuro são tantas outras mulheres em semelhante situação e a solução do eu lírico para elas é a própria morte. Porém, diferente do poema “Anjinho” de Álvares de Azevedo, não encontramos nessa balada um vestígio do que poderia vir depois da morte, para as mocinhas, a morte é apenas o fim da linha. Apesar de ser uma fuga da realidade cruel em que vivem, não há perspectiva de viver algo melhor, só existe o fim.

Ao longo deste ensaio percorremos alguns poemas de Vinicius de Moraes e os comparamos com os de outros poetas da literatura brasileira. Através da seleção de três poemas vinicianos diferentes traçamos um itinerário da evasão dentro de sua poética. Em “Judeu errante” o eu lírico se distancia eternamente em busca de sua redenção, no poema “A partida”, o sujeito desenha a cena de sua morte através das palavras e nesse caso, a morte é uma evasão, mas não há um motivo claro para a sua retirada, o protagonista não sofre em vida e por isso busca a morte, ele apenas parte como percurso natural e inevitável. Na “Baladas das duas mocinhas de Botafogo”, a morte é a grande salvação de Marília e Marina, ela é a responsável por pôr fim ao sofrimento que levam, porém ela é o ponto final, não há o recurso de vida após a morte. Em todos os exemplos buscamos outros poetas que interferiram na formação lírica de Vinicius de Moraes, alguns mais claramente, outros menos.

5 CONCLUSÃO

A análise desenvolvida ao longo deste trabalho permitiu demonstrar que o tema da evasão constitui um eixo estruturante da poesia de Vinicius de Moraes, atravessando diferentes fases de sua produção e assumindo configurações múltiplas. Longe de representar um simples desejo de fuga descompromissada da realidade, a evasão revela-se como resposta estética às tensões existenciais,

⁸ “Um claro na treva”. In MORAES, Vinicius de. *Poemas (II)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 61.

religiosas e sociais que permeiam a experiência do sujeito lírico. Em “Judeu errante”, ela se manifesta como errância eterna e busca frustrada por redenção; em “A partida”, configura-se como encenação lúcida da própria morte; em “Balada das duas mocinhas de Botafogo”, aparece como solução trágica para o sofrimento humano.

O estudo comparativo evidenciou que, embora Vinicius dialogue com tradições anteriores, especialmente com o ultrarromantismo de Álvares de Azevedo e com o modernismo de Manuel Bandeira, sua abordagem da evasão apresenta singularidades. Se em Azevedo a morte surge como promessa de transcendência idealizada e, em Bandeira, como invenção libertadora de um espaço imaginário, em Vinicius a evasão oscila entre transcendência, ironia, lucidez e resignação. Essa ambivalência confere complexidade à sua lírica, impedindo leituras simplificadoras e destacando sua inserção crítica na tradição literária brasileira.

Ao retomar os objetivos propostos, foi possível identificar e analisar manifestações específicas da evasão em poemas selecionados, estabelecer aproximações e diferenças com outros poetas e demonstrar que o motivo não é apenas recorrente, mas estruturador da experiência poética viniciano. Assim, a evasão, em Vinicius de Moraes, funciona como gesto estético e existencial que traduz a inquietação do sujeito moderno diante do mundo, reafirmando a potência da poesia como espaço de elaboração simbólica da vida e de seus limites.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. História Concisa da Literatura Brasileira. São Paulo: Cultrix, 2006.

BANDEIRA, Manuel. Testamento de Pasárgada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

FERRAZ, Eucanaã. Vinicius de Moraes. São Paulo: Publifolha, 2006.

GOMES, Eugênio. Castro Alves: poesia. Rio de Janeiro: Agir, 1980.

MORAES, Vinicius. Forma e exegese e Ariana, a mulher . São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. Novos Poemas (II). São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. Novos Poemas, Cinco Elegias. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. O caminho para a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. Poemas, sonetos e baladas e Pátria minha. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

NEGRÃO, Maria José da Trindade. Álvares de Azevedo: poesia. Rio de Janeiro: Agir, 1977.